

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

Gilvana dos Santos de Azevedo

**AULA DE TEATRO COMO POTÊNCIA DE ENCONTRO: UMA PRÁTICA TEATRAL
QUE SE PRETENDE MOBILIZADORA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Porto Alegre
2023

Gilvana dos Santos de Azevedo

**AULA DE TEATRO COMO POTÊNCIA DE ENCONTRO: UMA PRÁTICA TEATRAL
QUE SE PRETENDE MOBILIZADORA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Celina Nunes Alcântara

Porto Alegre,
2023

CIP - Catalogação na Publicação

SANTOS, Gilvana dos
AULA DE TEATRO COMO POTÊNCIA DE ENCONTRO: UMA
PRÁTICA TEATRAL QUE SE PRETENDE MOBILIZADORA ENTRE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES / Gilvana dos SANTOS. --
2023.
44 f.
Orientadora: Celina Nunes Alcântara.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,
2023.

1. Aula de Teatro. 2. Educação Social. 3. Arte
Educação. 4. Slam. I. Alcântara, Celina Nunes, orient.
II. Título.

Gilvana dos Santos de Azevedo

**AULA DE TEATRO COMO POTÊNCIA DE ENCONTRO: UMA PRÁTICA TEATRAL
QUE SE PRETENDE MOBILIZADORA ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Arte
Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Aprovado em: 05 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Celina Alcântara - UFRGS (orientadora)

Prof.^a Dr^a Adriana Jorgge - UFRGS

Prof.^a Dr^a Vera Lucia Bertoni - UFRGS

Prof.^a Dr^o Mesac Silveira - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Leonice Franco dos Santos, que com sua tamanha sabedoria e coragem ensinou-me a ver o mundo de forma atenta e crítica, com uma sede intensa de transformação social;

Vó Olga Franco dos Santos que com seus olhos pensativos e sua falta de habilidade com as letras observava-me e dizia, “*essa guria vai ser professora, ela tem uma letra bonita*”, toda vez que anotava os ensinamentos ou o nome dela em algum papel.

Meu irmão Leonardo, que trilha a caminhada da vida comigo diariamente me permitindo aprender junto a ele há 27 anos.

Ao Aderbal que incentivou-me desde pequena a estudar, ler livros e ser artista.

Ao Marcelo, que há mais de 30 anos instiga jovens e adultos a fazer teatro ao passo que transformamos a política do nosso Estado para que ela seja para todos, mas também para todas e todes, de todos os gêneros.

A minha companheira, artista, estudante, trabalhadora e belíssima, Let.

A Prof.^a Dr.^a Celina que ao compartilhar seus conhecimentos e reflexões orientou a construção deste trabalho com carinho e atenção.

Às minhas amigas, e também às mães das minhas amigas, que apoiaram-me tanto nas palavras quanto com diversos pratos de comidas, pousos e carinhos.

Ao Teatro Geração Bugiganga que através do método do Teatro do Oprimido forma atores e atrizes sociais.

As coordenadoras pedagógicas que instigaram minhas investigações na trajetória como discente e também como docente.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que através de diversas lutas mantém bolsas de estudos para a formação de docentes.

A Secretaria Municipal da Cultura, que abre portas para artistas proporcionarem à comunidade arte, cultura e educação.

Agradeço aqueles que idealizaram, projetaram, executaram, assinaram e acreditaram que a lei 12.711/2012 mudaria a história do povo pobre, negro e indígena nesse país.

As educandas e educandos que partilharam seus aprendizados e contribuíram diretamente com a minha formação enquanto profissional da educação com carinho e dedicação às práticas teatrais.

A Gilvana dos Santos que assumiu suas responsabilidades tanto individuais quanto sociais e foi em busca de um diploma que legitima-se seu trabalho com arte e educação.

Não é fácil dar nome à nossa dor, torná-la lugar de teorização.
bell hooks

RESUMO

O presente estudo discorre sobre a potência da pedagogia teatral capaz de mobilizar atores e atrizes sociais, fomentando suas capacidades de apercebimento e críticas em relação ao mundo onde vivem. Para tornar mais evidente essa proposição, mostro, por intermédio das vivências cênicas no Teatro Geração Bugiganga, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, bem como na Educação Integral através da prática como Educadora Social, modos possíveis de concretizá-la. Reflito acerca do papel do teatro na infância e adolescência, com indivíduos em processo de formação, sem certezas absolutas do que são ou quem serão futuramente. Identifico também os caminhos percorridos para a construção de vivências teatrais transformadoras na Educação Social através do protagonismo infanto-juvenil.

Palavras-chave: Aula de Teatro; Educação Social; Arte Educação; Slam;

ABSTRACT

The present study discusses the power of theatrical pedagogy capable of mobilizing social actors and actresses, fostering their capacities for awareness and criticism in relation to the world in which they live. To make this proposition more evident, I show, through the scenic experiences at Teatro Geração Bugiganga, in the Institutional Program of Scholarships for Teaching Initiation, as well as in Integral Education through the practice as a Social Educator, possible ways of realizing it. I reflect on the role of theater in childhood and adolescence, with individuals in the process of formation, without absolute certainty of what they are or who they will be in the future. I also identify the paths taken for the construction of transformative theatrical experiences in Social Education through child and youth protagonism.

KEYWORDS: Theater class; Social Education; Art Education; Slam;

LISTA DE FIGURAS

Teatro Geração Bugiganga - Trago comigo minhas vivências, fraquezas e identidade.....	13
Jogo de Decodificação - Evidências de uma prática teatral mobilizadora I - a experiência de docência em teatro no PIBID	18
Arte e Educação - Evidências de uma prática teatral mobilizadora II - a educadora social na educação integral	25
Qual o objeto que me identifico? Resposta de uma educanda - Quando a mobilização trava: como escutar e ser escutada em aula.....	28
A amizade é tudo - Pensar os conflitos através da importância da amizade para formação social.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. TRAGO COMIGO MINHAS VIVÊNCIAS, FRAQUEZAS E IDENTIDADE.....	13
3. EVIDÊNCIAS DE UMA PRÁTICA TEATRAL MOBILIZADORA I - A EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA EM TEATRO NO PIBID.....	18
4. EVIDÊNCIAS DE UMA PRÁTICA TEATRAL MOBILIZADORA II - A EDUCADORA SOCIAL NA EDUCAÇÃO INTEGRAL.....	25
4.1 Quando a mobilização trava: como escutar e ser escutada em aula.....	28
4.2 Pensar os conflitos através da importância da amizade para formação social..	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intenciona tematizar a aula de teatro como espaço e potência de encontro. Penso o encontro como um espaço tempo de relação capaz de mobilizar questões importantes para as(os) envolvidas(os) a partir justamente das reverberações do que aconteceu neste espaço. Não me coloco aqui a falar sobre teatro profissional ou atores e atrizes profissionais, faço desta monografia um espaço de investigação destes atores e atrizes sociais, que serão capazes de entender e também criticar o mundo que vivem, pois as experimentações cênicas instigadas pelas suas vivências individuais e coletivas, potencializam suas vozes e seus corpos para que a transformação social possa ser efetivada, e estes serem sujeitos de sua própria história. Este trabalho ressalta que o objetivo do teatro é diverso, além de entreter e profissionalizar, ele também educa e transforma. Faço um convite para pensarmos abertamente que ensinar pode ser um ato teatral mas fora deste olhar cênico voltado para a formação de atores, atrizes, diretoras(es), onde o espetáculo é o grande resultado.

Imagino que relacionar o ensino a atos teatrais, significa olhar para a cena/ circunstâncias e decorrências da educação brasileira, da população deste Estado, o que pode nos levar a construir um plano pedagógico calcado na necessidade de formação e aprendizado daqueles indivíduos enquanto coletivos desta sociedade. A(o) educadora instiga seus educandos através da performance teatral, com o objetivo de instigar o entusiasmo coexistindo com a atividade intelectual institucional. Dei-me por conta do termo “*Ensinar é um ato teatral*” (2017. p.21) no momento que coloquei-me a estudar bell hooks com o intuito de iniciar minha prática profissional pedagógica através dos ensaios e relatos feitos no livro *Ensinando a transgredir - A educação como prática da liberdade*, um estudo que causa-me um acalanto mas também um impulso para pensar a docência através do ato teatral.

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalisadoras para evidenciar o aspecto teatral do ensino, temos de interagir com a plateia, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho deve ser um catalisador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado. (hooks. 2017, p: 21)

Acredito que aula de teatro é algo que acontece para além do primeiro momento de exercício, da primeira proposição que a(o) educadora estabelece com o objetivo de trabalhar elementos da linguagem teatral. Ao mesmo tempo, não encerra com o término do último exercício, pois percorre um caminho que é anterior a estes momentos de encontro e perpassa todas as atividades planejadas para o acontecimento teatral. Assim como, o que ocorre no decorrer da aula, e conseqüentemente reverbera ao término do encontro. Esta hipótese que formulo aqui como mote para a escritura do meu Trabalho de Conclusão de Curso está assentada nas minhas experiências teatrais iniciadas na infância quando cursava as oficinas com o Teatro Geração Bugiganga (TGB)¹, nas experiências e perspectivas vivenciadas ao longo da graduação em Licenciatura em Teatro bem como nas vivências pedagógicas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID)², junto às experiências que tive em outros espaços institucionais de prática e aprendizado durante minha formação. Agradeço a todos esses espaços que atravessaram meus caminhos e me deixaram diversas inquietações bem como aprendizados.

“Teatro é uma atividade educacional acima de tudo, superando o seu tradicional sinônimo de arte de entretenimento. Acredito que, muito além de divertir e entreter, um determinado público em uma casa de espetáculos, o teatro é um instrumento de transformação, pois é uma atividade que pode ser experimentado por crianças e adolescentes, além de jovens e adultos, para diversas finalidades: ensino-aprendizagem, entretenimento, contestação política, devoção religiosa, guerrilha urbana e camponesa, política social.” (SCHNEIDER. 2010 p. 08)

Ao mesmo tempo, este tema me suscitou algumas perguntas de pesquisa a partir das quais pretendo tecer esta análise: quais seriam os limites, no sentido de acontecimento, no tempo e no espaço, do encontro/ aula teatral sobretudo quando se tem a pretensão de trabalhar as individualidades, singularidades no processo pedagógico?

Que caminhos, proposições, podem ser criados ou que foram experimentados podem auxiliar para uma melhor adaptação do coletivo e para que possamos além

¹ O Teatro Geração Bugiganga (TGB) é um grupo teatral fundado pelo professor, ator, diretor e dramaturgo Marcelo Schneider no ano de 1994 na cidade de São Leopoldo.

² O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) é um projeto de valorização dos futuros docentes durante seu processo de formação. Tem como objetivo o aperfeiçoamento da formação de professores para a educação básica e o desenvolvimento da qualidade da educação pública brasileira.

de proporcionar um espaço de debate, que seja um espaço seguro, onde as pessoas envolvidas se sintam bem, para que não haja julgamentos ou exposição de qualquer indivíduo de modo que venha gerar novos conflitos, ou alimentar os já existentes? Como trabalhar as individualidades, as singularidades em coletivo estando ciente deste processo?

2. TRAGO COMIGO MINHAS VIVÊNCIAS, FRAQUEZAS E IDENTIDADE



Arquivo: Teatro Geração Bugiganga, 2004.

As lembranças são experiências de retomada de quem somos, por mais dolorosas que elas sejam, dificilmente podemos fugir. Ora nos encontramos com pesadelos, ora nos encantamos com pedaços de nós que não acessamos a um longo tempo. (MARQUES. 2022, p. 09)

Neste capítulo, deixo registrado a importância de nossas trajetórias percorridas de acordo com nossas vivências, responsabilidades, autonomia, autoestima e autoconhecimento. Pois, não se desvincula a história, a ancestralidade, do que somos hoje, parte das nossas memórias cognitivas e emocionais é constituída por um arsenal de sentidos e conexões ancestrais. Como diria Baco Exu do Blues em BB King *“Eu vivi, eu caí, eu me consertei. Sou resultado das pessoas que eu amei”*³ (2018). A partir de agora trago relatos do passado, junto ao presente.

Nascida em Boa Vista do Buricá, interior do Rio Grande do Sul, no dia 15 de março de 1996, com meningite e bronquite asmática, diagnosticada com 12 dias de vida, surge Gilvana, mais conhecida como Gil, filha de mãe solteira, tendo um irmão de 1 ano e 1 mês de diferença, e mais 4 na cidade onde nasci. Crescemos os três juntos, eu, minha mãe com apenas 20 anos de idade e meu irmão. Meu “pai”, tenho

³ Fragmento da música BB king do rapper, cantor e compositor brasileiro Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo, mais conhecido como Baco Exu do Blues, BB king foi composta no ano de 2018, no disco Bluesman.

sorte de não ter recordações das vezes que ele bateu em minha mãe. Aos meus seis anos de idade fomos morar na cidade de São Leopoldo, ficamos na casa da minha tia, irmã da minha avó, tia Joana, da qual eu tive muitos ensinamentos. Minha mãe aos seus 25 anos conheceu meu padrasto que tinha 65 anos, e assim fomos criados. Neste momento passamos a ter estabilidade, casa, comida, guarda-chuva, bola, boneca, festinhas de aniversário, caderno, lápis, canetinha, tênis, casaco. A partir deste encontro, a nossa vida saiu da margem da pobreza, já não passávamos mais fome, a patente foi substituída pelo banheiro, o barraco virou casa, tínhamos luz e água encanada, a mangueira com uma garrafa pet foi substituída pelo chuveiro, o colchão passou a ter uma cama, a televisão já não precisava mais de guarda-chuva, e os tiros da casa ao lado enquanto estávamos sozinhos já não faziam parte da nossa realidade. Finalmente, tínhamos uma mochila e um estojo para ir para escola, já não precisávamos mais do saco de arroz. Comecei a frequentar a E.M.E.I. Girassol. Enquanto eu fazia meu último ano na creche meu irmão iniciava a 1ª série na Escola Municipal João Belchior Marques Goulart, ambas localizada na Vila Brás em São Leopoldo. Lembro que nas apresentações da creche minha mãe não conseguia chegar a tempo de assistir pois trabalhava em Novo Hamburgo, mesmo assim eu esperava. Atualmente, como Educadora Social, vejo no olhar daqueles e daquelas que esperam a aflição que já senti na infância. Sei o quanto ela é dolorosa e solitária, e percebo que a única possibilidade que está ao meu alcance enquanto educadora é a tentativa de transformar esse sentimento de espera, através de brincadeiras, abraços e sorrisos. Foi quando me deparei com o olhar de uma criança procurando pela mãe que não apareceria em sua apresentação, vi a criança que ainda mora em mim encher os olhos de lágrimas. Mas a educadora que estou me tornando fez com que enxugasse as lágrimas e inventasse inúmeras possibilidades de diversão para que, por alguns instantes, aquela espera se tornasse menos longa. Aqui faço das palavras da bell hooks as minhas *“Não é fácil dar nome à nossa dor, torná-la lugar de teorização”* (2017. p. 102).

Lembro também que um colega meu falou, que o pai dele disse, que ele não poderia mais brincar comigo porque eu não era da cor dele (branca), então lá se foi meu único amigo da creche. Mas tudo bem, o ano passou e eu já fui estudar na mesma escola que meu irmão. Nessa escola o recreio dos grandes era separado dos pequenos, quando eu estava no recreio lembro de provocar as meninas grandes

que estavam passeando nos corredores e batia nelas, após a briga era encaminhada para a direção. Na hora da merenda, quando meus colegas mexiam comigo eu batia neles e voltava para a direção. Levei algumas suspensões devido a esses comportamentos, mas naquela época eu achava legal ficar em casa. Essa escola dispunha de um projeto em 2004 chamado Escola Aberta⁴, que tinha como objetivo manter as crianças na escola no sábado desenvolvendo atividades, conectando o lazer com o aprendizado, toda a comunidade escolar poderia participar, aprendemos a tocar instrumentos, a pintar, dava pra jogar bola, era muito divertido. No ano de 2005 saímos corridos da Vila Brás, fomos ameaçados de morte e tivemos que nos mudar. Então fomos morar no bairro São Miguel, em um condomínio. Adaptação caótica, era as duas crianças consideradas “vileiras” quebrando a pau os playboy dos condomínios. Uma vez meu irmão apanhou feio, e todos nós ficamos preocupados, até botaram ele no lixo. Eu tinha o hábito de bater nas minhas amigas, tiveram algumas que, por suas mães, foram proibidas de brincar comigo, devido a maneira violenta que eu me relacionava com elas em meio a um conflito. Comecei a estudar na E.E.E.F.Mário Quintana, estava na 3ª série, e meu irmão começou a ser meu colega, pois na 2ª série ele havia rodado. Lembro que um dia o Roginho foi na escola pegar meu irmão de canivete, e eu tive que ir lá contar para a diretora, e nós ficamos escondidos na merenda, esperando minha mãe vir nos buscar, o Roginho nem estudava na escola. Meu irmão começou a brigar com os guris da vila e do condomínio, depois ele começou a andar com os guris da vila, porque eles jogavam bola na cancha e os do condomínio eram muito ruins. Então, em uma tarde de intervenção teatral dentro do condomínio eu me deparo com uma coisa fantástica, um monte de gente vestindo roupas coloridas, bufantes e cantando músicas legais, com instrumentos diferentes. Estavam fazendo a divulgação da oficina do Teatro Geração Bugiganga (TGB). Fiz todo o trajeto com eles de bicicleta e pedi para o professor, Marcelo Schneider, falar com minha mãe. O primeiro impulso da minha mãe foi o de me xingar falando que eu nem sabia o que era teatro, imagino que ela também não. Após nossas lamuriosas discussões ficou resolvido que eu faria teatro, mesmo sem saber o que era. Faz 18 anos que percorro o caminho de aprendizado, ensino e investigação do que é teatro. O TGB foi o despertar de toda construção do fazer teatral que investigo atualmente. É o grupo do

⁴ O Projeto Escola Aberta dedicava-se a proporcionar educação, cultura, esporte, oficinas e lazer nos finais de semana nas escolas públicas.

qual faço parte até hoje, e ao mesmo tempo me forma a cada ano com diversos questionamentos ideológicos, enfrentamentos político-sociais e experiências artísticas culturais.

Novamente mudo de escola quando vou para a 5ª série, passo a estudar na E.E.E.F Visconde de São Leopoldo, eu e meu irmão que começou sendo meu colega e acabou ficando na 5ª série por mais três anos. Nesse período que fomos colegas no Visconde, um certo dia, iniciei uma briga com um colega, para me defender, meu irmão se envolveu na briga e deitou ele na porrada. Foi a minha primeira briga dentro de sala de aula. Minha mãe foi chamada inúmeras vezes para comparecer à escola para ser informada sobre o comportamento que eu e meu irmão tínhamos dentro do espaço escolar, tanto é que quando ela chegava éramos chamados para descer na direção e falávamos “l a mãe chegou”. Embora houvesse um medo, também existia um sentimento de recorrência e sarcasmo frente a situação, que atualmente eu entendo o quão conflituosa para nós, e desgastante para a escola era tal demanda. As coisas eram muito turbulentas nessa época. Em 2009 bati em uma colega na saída da escola, e o vídeo foi parar no youtube que hoje tem quase 6.000 visualizações, intitulado briga da gil. Na 8ª série eu reproveo pela primeira vez, era uma época que matava muita aula, dormia nas que frequentava, era péssima com as professoras, só queria saber de comer merenda e jogar futebol. Aos 16 anos fui para a E.E.E.M Cristo Rei, ano em que começou o tal do Ensino Politécnico, ano em que eu fugia da escola. Matava aula na Vila Batista, ano em que o futebol feminino no Aimoré já não existia mais, conseqüentemente eu já não jogava mais bola. No 2º ano do Ensino Médio comecei a fazer Tao Tien Ti, uma modalidade de Kung Fu, um dos ensinamentos é que eu não poderia mais brigar na rua, pois agora eu tinha técnicas de artes marciais, e consciência do que aquela arte representava para mim, então eu parei, com muito aprendizado e autocontrole posso dizer que nunca mais bati em ninguém. Durante minha trajetória no teatro estive muito envolvida, queria estar por dentro de tudo que acontecia, e meu professor na construção coletiva de autonomia do ser através do teatro me permitiu percorrer por todas as possibilidades que o TGB oferecia. Minha mãe foi presente na minha descoberta teatral, e muito agradecida ao Marcelo Schneider pelo trabalho que desenvolvia, chorava em todas as apresentações e depois dirigia-se aos camarins para nos ajudar a guardar os materiais. A relação com meu irmão mudou muito depois que não fomos mais colegas e na medida que fomos

crescendo. Durante esses 18 anos de Teatro Geração Bugiganga o professor sempre me incentivou a estudar, a atuar, a descobrir novas possibilidades bem como minha mãe e meu ex-padrasto. Penso que o Marcelo via em mim o turbilhão de coisas que eu era, e ajudou-me a transformar esse turbilhão em voz, em corpo, em identidade, em representação, em vontade de também estar ocupando outros espaços que pareciam-me inacessíveis. Decidi fazer teatro e enfrentar a tal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estudei durante 10 meses em um curso pré-vestibular, no qual aprendi coisas que em 10 anos de escola eu não consegui aprender. A escola me ensinou o que pode, e deixou de ensinar também, inclusive deixou de aprender comigo, e também com meu irmão. Estudei durante dois anos para finalmente conseguir passar no vestibular de 2017, através da política de cotas, e das formas que encontrei para conseguir fazer parte do sistema da maneira que me foi possível frente a um ensino que não me formou apta para o enfrentamento de questões como as que a UFRGS exige das ciências exatas e biológicas. Nas humanas consegui começar a sentir prazer e entender as suas diversidades, abrindo um horizonte de possibilidades, finalmente consegui aprender, foi difícil, mas muito prazeroso. Hoje ainda carrego comigo muitas dificuldades e frustrações, mas depois de tudo isso eu não me vejo como a sociedade me via, eu me vejo como uma pessoa que viveu sua vida da forma que lhe fora oferecida, em seu meio, com seus atravessamentos, não sou delinquente, e nem um caso perdido, e fico incomodada quando vejo crianças como eu era sendo tratadas da mesma forma, sendo que somos realidades existentes e a sociedade insiste em nos punir ao invés de nos qualificar para que uma realidade mais sensível seja possível. Em diversas vezes eu estava no lugar de oprimida, mas também em outros momentos de opressora, e sem saber me orientar, seguia desorientada, infringindo as regras e abraçando o mundo, pois sempre fui presente para resolver os boletins de ocorrência da escola e das ruas e não deixei de amar ou respeitar aqueles que estiveram comigo nessa trajetória que até hoje sigo em frente. As brigas físicas finalmente não fazem parte do meu arsenal de soluções para conflitos, busco trabalhar a comunicação não violenta, como estratégia de articulação social com aqueles e aquelas educandas(os) que atendo, mas também na tentativa de solucionar ou enfatizar conflitos com quem diariamente trilha seus caminhos próximos aos meus.

CAPÍTULO 3: EVIDÊNCIAS DE UMA PRÁTICA TEATRAL MOBILIZADORA I A EXPERIÊNCIA DE DOCÊNCIA EM TEATRO NO PIBID



Jogo de decodificação. Arquivo pessoal (2019).

Acredito que olhar para as proposições e vivências feitas a jovens estudantes por intermédio do teatro, pode redundar em uma estratégia que busca tornar o ambiente teatral mais acalentador e possibilitador de descobertas. Um lugar capaz de repensar as próprias práticas e estratégias para desenvolver espaços de encontros, diálogos e discussões, que nos possibilitam encarar a prática teatral como instrumento de debate através de uma pedagogia transformadora, fazendo da sala de aula um contexto democrático onde todos e todas sintam a responsabilidade de contribuir com o acontecimento da aula em suas diferentes maneiras. No que diz respeito ao espaço pedagógico Paulo Freire afirma:

Espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.(FREIRE. 2011, p: 95)

Para além de uma perspectiva idealizada e idealizadora das práticas teatrais vou me dedicar a descrever algumas experiências que, ao meu ver, corroboram esta ideia. A primeira delas foi minha experiência como docente junto ao Pibid.

Ao deparar-me com a oportunidade de fazer parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) passo à ressignificar minha formação acadêmica em teatro, pois neste momento, deixo de ser apenas aluna e torno-me proponente das teorias e métodos que estudo e às quais me dedico, para que seja possível também a outras(os) estudantes conhecer e experimentar o teatro através dos nossos encontros. Neste período busquei utilizar dos exercícios e técnicas que aprendi na universidade, mas sobretudo fora dela, nos espaços de encontro como o Teatro Geração Bugiganga, onde pude participar de oficinas teatrais, intervenções artísticas, debates de enfrentamento político e cultural, e estudos de um teatro popular baseado nas raízes do Teatro do Oprimido⁵. Foi partindo com esta bagagem que cheguei até a minha primeira turma de teatro como pibidiana no ano de 2018 sob a coordenação da professora Marília Stein e a preceptoria da Adriana Piccinini, junto a minha amiga e colega de curso Giovana Pozzi. Iniciamos o projeto instigadas pelas possibilidades de trocas entre adolescentes de 14 a 16 anos com a vida pulsando nas mais variadas descobertas e nós, jovens de 20 e 23 anos em descoberta de suas docências. Iniciaram-se as aulas na Escola Estadual Anne Frank localizada no bairro Bom Fim, na cidade de Porto Alegre, abarcando alunas(os) das mais diversas regiões. Os encontros aconteceram com a turma do 9º ano do Ensino Fundamental. A escola não tem Teatro como componente curricular ou extracurricular, logo, não há espaço para “aulas de teatro” na grade comum curricular. Sendo assim, foi necessário remanejar e apropriar-se de dois períodos semanais de outra matéria, adequando-se para as aulas de teatro.

Ao conhecermos a escola e adentrarmos a sala de aula nos deparamos com os primeiros obstáculos: o espaço, com diversas mesas e cadeiras, além da questão do volume do som, da voz, e das reações entusiasmadas e espontâneas. Tal reações causavam um “barulho” que interferia nas aulas ao lado. Nessa turma, poucos tinham experiência teatral, o que se configurava como um desafio a ser enfrentado.

Entende-se que para as aulas de expressão e movimento é necessário um ambiente que comporte diversos corpos no espaço, permitindo que estes possam se movimentar livremente através do corpo e da voz. Quando neste espaço existem

⁵ Fundado pelo teatrólogo Augusto Boal, baseia-se em uma metodologia teatral política, artística e social. Tem como objetivo não somente conhecer a realidade, mas também transformá-la, para que a libertação das(os) oprimidas(os) aconteça, através do impulsionamentos de jogos, debates, exercícios e problematizações sociais.

objetos fixos ou móveis é necessária uma readaptação desses objetos ou da proposta teatral. No que diz respeito ao volume da voz e da musicalidade, quando exercitados em nossas aulas, acaba interferindo nos outros espaços da escola que são atingidos pelo efeito sonoro e a proposição que o volume da voz alcança. Sons ou ruídos reverberam em outras salas de aula, interferindo na concentração para com outras atividades que ocorrem nas salas ao lado. Embora haja um cuidado com o que possa atrapalhar em outras atividades que estejam acontecendo no momento, é importante para a prática teatral que as (os) educandas(os) tenham liberdade de expressão, com suas vozes, e seus corpos. É fundamental não reprimir as expressões sonoras, ou mesmo desistir das propostas, abandonar as ideias frutos de exercícios vocais e corporais conquistados com a experimentação destes corpos em ação. Nesta situação, deparo-me com uma constante necessidade de estratégias e planos de contingência a serem criados dentro do espaço escolar para o acontecimento teatral, de modo que houvesse respeito mútuo com outras disciplinas em decorrência na esfera escolar. Devo ressaltar que os obstáculos evidenciados até aqui, referente ao espaço para o fazer teatral, são apenas sinalizadores de uma facilidade ou dificuldade em relação ao trabalho exercido no espaço escolar. No entanto, quero deixar nítido, que para fazer teatro é necessário antes de tudo, um espaço. Podendo ser qualquer espaço, inclusive uma praça da comunidade, uma igreja, um salão de festas, uma sala na associação de bairros, um galpão, uma garagem, o que realmente importa para fazer teatro, são pessoas entusiasmadas em criar, quem transformara esse espaço, essa sala, em um lugar de fazer teatro somos nós. Acredito no teatro popular para com a comunidade, luto para que todos e todas tenham o direito de fazer teatro independente de idade, condições financeiras, dificuldades físicas ou intelectuais, o teatro precisa e deve ser feito tanto por atores e atrizes quanto por não-atores e não-atrizes. Penso ser uma atividade cultural que o povo facilmente pudesse ter acesso, idealizada e realizada também por atores e atrizes sociais.

Após esse período em que realizamos nossos encontros, deparei-me com alguns questionamentos e impulsionamentos para fazer daquela prática uma breve pesquisa, junto à minha colega pibidiana e licencianda, Giovana Pozzi, onde elaboramos um artigo intitulado *Teatro em sala de aula como potencializador de debates entre jovens*, em dezembro de 2019. Neste artigo descrevemos sobre o que vivenciamos juntas e juntos nesse espaço de escuta que se desenvolveu, através de

discussões, contações, aproximações, advindas de questões pessoais e reconhecimentos nas narrativas.

Certo dia nossos exercícios foram interrompidos com um pedido de “silêncio” pois a turma ao lado estava realizando prova de matemática. Perceber que o ambiente em que estamos propondo as oficinas é extremamente desfavorável para que elas se desenvolvam em sua plenitude foi uma das primeiras evidências que eu e Giovana Pozzi pudemos identificar. Este problema se fez presente justamente pelo fato da escola não ter aulas específicas de teatro, ou até mesmo dança, das quais necessitam de uma estrutura distante de outras salas para que o som possa ser menos perceptível com a distância e tenha mais liberdade para reverberar. Então, após o término das apresentações, fomos para o pátio, lá sim poderíamos utilizar nossos sons, nossa voz e nosso corpo. A dificuldade do pátio foi estar acontecendo um jogo de futebol na quadra ao lado, ao qual chamou a atenção das(os) educandas(os) logo de início, porém através dos jogos teatrais conseguimos retomar a atenção no espaço aberto, concentrando o som e os alunos.

O primeiro exercício era o que chamo de “Decodificação” e acontece da seguinte forma: temos 6 ações representadas nos seguintes verbos: caminhar, fotografar, pular, agachar, gritar e sussurrar. Porém, a ideia é de que: às vezes devemos seguir as ordens, em outras, burlar as ordens, fazendo-se o contrário do que a/o propositor/a ordena. Ou seja, quando a/o propositor/a ordenar para “caminhar” todas(os) devem fotografar/congelar/parar. Quando for ordenado que pulem devem rapidamente agachar, e quando ordenado que sussurrem devem gritar, e assim por diante. O exercício tem como objetivo descumprir as regras, se impor ao que está sendo exigido, além de movimentar o corpo e a voz de forma que contradiz o que é exigido e também codificado socialmente. Ou seja, romper com o esperado, quando em relações sociais, em comunidade ou pequenos grupos, se é pedido para sentar, as pessoas tendem a sentar, se for pedido para fazer silêncio nossas vozes tendem a silenciar, se for pedido para que cumprimentem a pessoa ao nosso lado a tendência é a de que nosso corpo obedeça a estes comandos, sobretudo se vierem de uma pessoa que tem uma ascendência sobre nós. O desafio do jogo “Decodificação” é justamente perceber o quão nosso corpo está condicionado a fazer repetidamente os movimentos que a eles são exigidos. Além da dinâmica corporal existe a dinâmica vocal, veja o exemplo: quando a ordem for dizer “sim” as pessoas devem responder “não” e quando a ordem for dizer “não” as

peças devem dizer “sim” além de trabalhar a desobediência da ordem, também desenvolve as intenções de nossa memória cerebral que ao invés de mecanicamente concordar, posso e devo discordar. Também fazer o processo de decodificar o jogo ao compreender que o que está em jogo é justo a relação com a desobediência. Todos e todas participaram atentamente do jogo. Havia um colega diagnosticado com autismo, ao qual participou do jogo em um espaço determinado por ele, em distância ao grupo, mas muito atento a todos os comandos e a tudo que estava acontecendo ao seu redor, jogou junto ao grupo mesmo que em seu espaço auto regulado.

É preciso saber que somos todas e todos seres em constante transformação, e o mesmo ocorre com a sala de aula. E isso quem faz somos nós, construímos ou desconstruímos uma sala de aula que a todo momento se modifica, se molda, se torna crítica e conhecedora daquele espaço, que torna-se nosso. Como reconhecer esse espaço de sala de aula e transformá-lo em aula de teatro? Cada sala de aula é diferente, as estratégias precisam ser constantemente modificadas, inventadas e re-conceitualizadas para dar conta de cada nova experiência de ensino. É evidente que o processo de aproximação em sala de aula tem suas inúmeras barreiras, são diversos os conflitos que atravessam a nossa expectativa de um lugar que seja agradável, apazível a todos e todas. Ali encontramos disputas, desavenças, relações de afeto rompidas, falta de compreensão frente às diferenças, brigas de recreios, intrigas de corredores, rivalidades, desentendimentos. Então, é evidente que em toda e qualquer sala de aula haverá conflitos. A questão é, que caminhos podem ser criados para a melhor adaptação do coletivo para que possamos além de proporcionar um espaço de debate, que seja um espaço seguro, onde se sintam bem, para que não haja julgamentos ou exposição de qualquer indivíduo de modo que venha gerar novos conflitos, ou alimentar os já existentes?

A sala de aula, como qualquer espaço social, é um espaço de convivência de singularidades, onde cada indivíduo traz seus próprios conflitos, medos, e sonhos, embora estes possam também ser gerados em coletivo. Sabendo que o número de pessoas dentro de uma sala de aula do ensino público, das séries iniciais e finais, tende a ser por volta de 25 alunos, ao qual convivemos diariamente durante um período de mais ou menos cinco horas, podemos compreender que estas individualidades interferem e moldam a dinâmica em sala de aula. A educação pela prática da liberdade, como propõe hooks (2017), promove a capacidade de qualquer

turma criar uma comunidade aberta ao aprendizado. Não sendo possível viver em uma utopia de que a educadora ou educador é o único responsável pela dinâmica da aula, pois o entusiasmo é gerado pelo esforço coletivo. As educadoras e educadores não são capazes de fazer da sala de aula uma comunidade de aprendizado entusiasmada apenas pela sua exclusiva força de vontade ou entusiasmo, se faz necessário um esforço coletivo para promover as ideias, gerar debates, ocorrer envolvimento de todas as partes através de ponderações, para que assim possam ter alcançado o entendimento do conteúdo. Precisamos desconstruir a ideia de que o professor é o único responsável pelo entusiasmo na sala de aula. Sabemos que temos obrigações e metas a serem cumpridas em relação à profissão, entretanto, para que não fiquemos restritos a uma “educação bancária” (FREIRE, 1996) na qual a(o) professora é a(o) única(o) detentora do conhecimento bem como do entusiasmo, é preciso promover uma sala de aula como um espaço comunitário que aumenta a probabilidade de haver um esforço coletivo para criar e também manter uma comunidade de aprendizado.

A capacidade de gerar entusiasmo é fundamentalmente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros, precisamos insistir que a presença de todas, todos e todes seja reconhecida, é necessário reafirmar que o conjunto influencia e contribui na dinâmica da sala de aula. Essas contribuições são recursos para gerar entusiasmo entre a comunidade de aprendizado.

Mas, como socialmente trabalhar as nossas individualidades em coletivo estando ciente deste processo? Pois, naturalmente durante nossas vivências fazemos esse trabalho com nós mesmas(os), mas talvez na maioria das vezes não reconhecemos esse trabalho como um processo individual e coletivo, não reconhecer não significa que ele não esteja acontecendo emocionalmente e fisicamente. É necessário transformar o espaço da sala de aula em um lugar mais acolhedor e comunitário, onde estudantes possam se ouvir, se reconhecer e se reinventar. Pois, nós jovens somos muitas vezes expostos a um excesso de informações, historicidades, perspectivas, narrativas, mas sobretudo nós estamos em um momento de entendimento da nossa identidade, sexualidade, religiosidade e espiritualidade que trilha um caminho mais individual em direção aos nossos desejos e crenças do que ao coletivo atribuído as existências e exigências de uma sociedade heteronormativa e conservadora.

O teatro chega como um método de ensino que abre as portas para o diálogo entre o coletivo. Incorporando as descobertas das expansões do corpo e da mente, como possibilidade de explorar movimentos e conversas, sendo possível a aproximação dos alunos e alunas, para que tenhamos um espaço de fala e escuta, e assim desenvolvam seus próprios debates, suas próprias inquietações, possibilitando a troca de vivências, informações e descobertas, traçando uma ligação entre o que estão aprendendo e suas experiências individuais já vividas ou projetadas para o seu futuro, trilhando e conhecendo algo muito importante para nós indivíduos a: autonomia.

“A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender” (hooks, 2017, p.25) me encontro nessas palavras para projetar os pensamentos e vivências escolares que tive até o momento, como fazer da escola um lugar que qualquer um pode aprender, estando ciente da desigualdade intelectual e cultural que existe dentro do ambiente escolar? Como desenvolver nesse processo uma prática libertadora, sabendo que a educação só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento? A educação aumenta nossa capacidade de ser livres, e foi descobrindo isso através do teatro, que passei a acreditar na potência do teatro em nossas vidas, e principalmente, na importância dele estar diretamente vinculado à educação pública brasileira, pois é uma ferramenta que abre portas para dar voz às nossas histórias e descobertas, por isso quero partilhar desse conhecimento dentro da sala de aula para que outras e outros também sejam autoras e autores das suas próprias histórias, trilhando um caminho diverso para a construção do ser, do coletivo e de sonhos.

CAPÍTULO 4: EVIDÊNCIAS DE UMA PRÁTICA TEATRAL MOBILIZADORA II A EDUCADORA SOCIAL NA EDUCAÇÃO INTEGRAL



Arte e Educação

Sobreposição de imagens, arquivos: Teatro Geração Bugiganga(2009) e Gilvana dos Santos(2022).

Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele (BOAL, 2008, p.11).

Em março de 2022, sobrevivendo à pandemia de COVID19⁶, recebo uma proposta de trabalhar 40 horas semanais como Educadora Social em uma instituição que desenvolve um projeto político socioassistencial que visa assegurar o desenvolvimento e formação de crianças, adolescentes e jovens através do projeto de Educação Integral⁷. Espaço este que impulsiona a interação, aprendizagem, sociabilidade, convivência e proteção social de crianças e adolescentes no contraturno escolar. Jovens de seis a dezesseis anos de idade, matriculados no Ensino Fundamental. Neste capítulo, decido não mostrar o nome da instituição, das

⁶A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade.

⁷ A Educação Integral compreende o dever de garantir o desenvolvimento dos sujeitos de maneira social, cultural, intelectual, emocional e física, tal projeto se constitui coletivamente entre crianças, adolescentes, juventude, educadoras e educadores, famílias, gestoras e comunidades locais. Tem como foco a formação de sujeitos críticos, autônomos e responsáveis individualmente e socialmente.

escolas vinculadas, da equipe de funcionárias(os), bem como das educandas e educandos, com o intuito de não expor tanto as pessoas quanto o espaço. Afinal, o trabalho desenvolvido neste espaço, especialmente em relação a prática teatral é bem maior do que minhas análises, ponderações e conclusões relacionadas ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Neste espaço, desenvolvemos a prática pedagógica focada em oferecer “oficinas” e não “aulas”, somos um complemento da escola pública e não sua igualdade. Neste sentido, me vejo fora do espaço escolar, ao mesmo tempo que vinculada diretamente com a educação, e, mais precisamente com a Educação Social, que particularmente tem sido a escolha profissional que mais me identifico.

Atendemos a duas escolas situadas no Morro da Cruz em Porto Alegre. Separamos as duas escolas para oferecermos as oficinas, adaptando momentos em que estarão participando das atividades conjuntamente.

Quando iniciei em abril de 2022, os atendimentos estavam retornando após um longo período interrompido devido a pandemia de COVID19. Durante esse retorno sentimos que misturar as duas escolas atravancava o desenvolvimento das atividades propostas, devido às brigas, disputas, desentendimentos, e para que não ocorresse violência entre uma escola e outra tanto dentro, quanto fora do espaço de formação, devido suas rivalidades, fez-se a separação e iniciamos uma nova proposta pedagógica de interação entre as turmas, através do direcionamento das(os) educandas(os) para com as atividades, e gradativamente juntamos uma escola com a outra, para que desenvolvêssemos atividades lúdicas, através de jogos, gincanas, teatralidade, musicalidade e outras formas de ensino.

Durante as oficinas produzimos materiais para as peças teatrais desenvolvidas, tais como: a criação de barcos, baús, pernas de pau, fantasias, máscaras, convites, cenários e objetos cênicos em geral. Além de partilharmos momentos de criações de cenas, leituras dramáticas, ensaios, coreografias, também fazemos a parte de produção das peças, onde ocorre um trabalho interdisciplinar tanto das artes quanto das áreas de letramento, numeramento e iniciação científica. Pois, a equipe une-se para possibilitar que as(os) educandas(os) vivenciem muitos dos processos necessários ao fazer teatral.

Uma instituição com recursos transforma as possibilidades que nós educadoras e educandos temos em nossas mentes criativas tornando-as reais, ativas e potentes. O investimento na educação não se faz necessário somente nos

profissionais que as possibilitam, mas também em materiais que potencializam nossas aulas. Materiais estes que estimulam a motricidade fina, a criatividade, o desenvolvimento e a imaginação das (os) envolvidas (os). Pois a criatividade quando exercitada é uma possibilidade infinita de produções. Para Olga Reverbel, pioneira da pedagogia teatral, “A atividade de expressão não visa à formação de um artista, mas sim ao desenvolvimento de um ser dinâmico e social”. (REVERBEL, 1989).

Como artista e professora de Teatro em formação, tenho pensado nesta potência da experiência artística que é a de formar seres sociais, capazes de se pensar, de se relacionar com outros e outras, de se transformar e provocar transformações em seus entornos. A transformação que a prática teatral pode promover, como aponta em sua tese a professora Celina Alcântara,

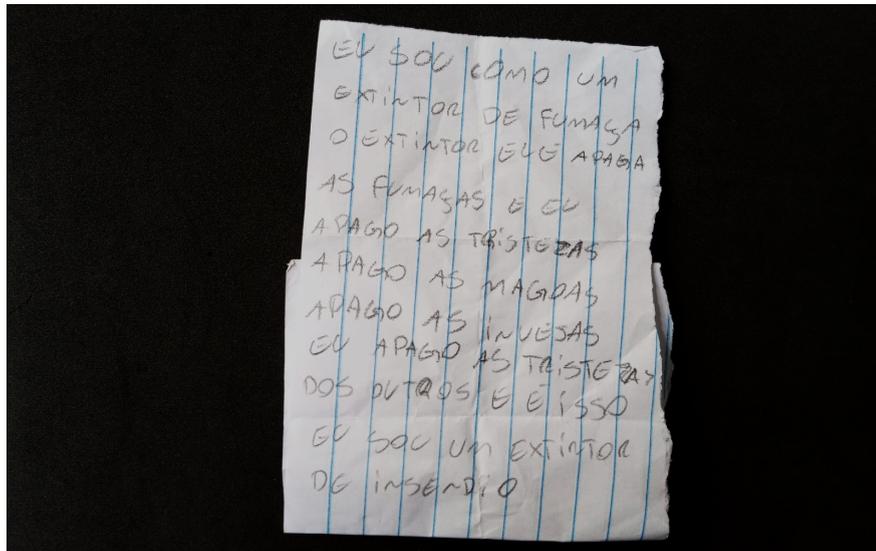
[...] pode provocar em alguns indivíduos, sob determinadas circunstâncias, um modo de constituir-se, de configurar-se como prática; ela incita um modo de agir sobre o mundo, de estabelecer uma relação com a alteridade. Essa transformação extrapola a individualidade do ator porque perpassa a atuação de um sujeito criador, e não somente de um indivíduo artista (2013, p.41).

A autora afirma também que,

[...] a transformação possa ser pensada a partir da própria palavra, por três aspectos que a constituem: passagem (trans), forma (form) e ação (ação). O primeiro aspecto alude a um certo caráter movente do ato de transformar (ou transformar-se): pode-se pensar aqui na passagem de um estado a outro, de uma situação a outra, de um acontecimento a outro, de um espaço a outro. Trata-se da ideia que se liga à noção de viagem, de passagem, seja este temporal ou espacial. Ligada a essa noção, a ideia de transformação lembra também a forma como algo se faz, se refaz, se desfaz, sendo capaz de tomar outra feição, outro caráter. Ou como uma metamorfose, uma transmutação, característica daquilo ou daquele que é capaz de mudar de forma ou de aparência. Na mesma direção, a palavra transformação se liga à ação de mudar, ao próprio fenômeno da mudança. Trata-se de pensá-la como a ação de transmutar a forma, como o movimento cambiante de adquirir outra forma, de constituir-se no diferente de si pelo movimento (2013, p.41).

Assim, a ideia de uma transformação por intermédio da experiência teatral, tanto em mim como com as(os) estudantes com as quais me relaciono na condição de docente, tem sido importante e referência para o que tento fazer.

4.1 Quando a mobilização trava: como escutar e ser escutada em aula



Qual o objeto que me identifico? Resposta de uma educanda. Arquivo pessoal (2022).

Sei que esses versos libertam
Tudo que vive preso dentro de mim. (VIVOS, 2021. p:38)

Em setembro de 2022, senti-me impotente em relação a uma das turmas atendidas. Não conseguia desenvolver uma prática que tivesse bons resultados ou que causasse interesse nas(os) educandas(os). Sentia que estávamos distantes, nem eles me escutavam e nem eu era capaz de escutá-las(os). Neste momento me vi perdida e fragilizada com meu trabalho de Educadora Social. Realizar a oficina com aquela turma era meu maior desafio, visivelmente eu ficava desorientada, desorganizada e insegura. Não era assertiva ou incisiva na forma e conteúdo que desenvolvia com essa turma específica. Embora conseguisse desenvolver a mesma atividade com todas as outras turmas, e, por fim, ter bons resultados, nesta me sentia completamente fracassada diante da incapacidade de desenvolver atividades com a tal turma. Então, já me sentindo exausta diante do fracasso, propus um exercício em que os convidava a pensar na possibilidade de serem um objeto, não literalmente, mas em relação a sentir-se como este objeto. Se você fosse um objeto, qual objeto você seria e porque seria esse objeto? E porque se sente como este objeto?

Para melhor identificar o objetivo da atividade, reli um texto pessoal que escrevi sobre o objeto com o qual me identifico, e como era tal identificação. E neste texto desenvolvo dramaturgicamente porque me sinto como este objeto. Veja a seguir:

CABIDE

*Cabide serve para suporte
carrega tudo sobre seus ombros
e quando muito peso já carregado
despenca*

*Cabide já foi bagunçado,
teve seus momentos onde tudo parecia fora do lugar
e por muito tempo não conseguia organizar nada sozinho*

*Cabide já passou por diversas situações
afinal de contas não é fácil escolher a melhor roupa do dia
se será aquela que vai te deixar mais leve ou a que vai te deixar mais pesada
às vezes carrega roupas que são quase armaduras, porque alguém ali sabe que
não é fácil sair pra rua*

*às vezes cabide veste uma roupa que é apenas lembranças
às vezes cabide apenas fica vazio,
e nesse momento se sente
sozinho*

*Cabide entende quando é dia de utilizar uma roupa que vai parecer que
Tá tudo bem!*

*tem vezes que cabide não aguenta mais e
arrebenta*

*Cabide vai e volta na sua indecisão de escolher,
cabide sai da parede e cai na cama
sai da cama e cai no chão*

*quando bem organizado cabide se expõe
Cabide já ficou na cadeira por horas com sua melhor roupa e quando percebeu
não sairia mais*

Cabide já dançou e já ouviu diversas canções enquanto se balançavam

*cabide é suporte pra muita coisa, mas cabide não suporta tanta coisa, tanto peso
Cabide é frágil*

*Cabide sente o perfume e ouve com atenção onde suas roupas andaram
cabide se pendura em tudo que consegue e torce pra não cair, cabide acredita na
força do seu suporte, afinal de contas cabide precisa de
segurança
mas volto a lembrar que cabide cai,
cai na cama,
cai no chão,
cai no lixo.*

Gilvana dos Santos, escrituras, 2021.

Após fazer a leitura dramática do que escrevi sobre o objeto ao qual me identifico, as(os) convido a olhar para cima e perceber as lâmpadas da nossa sala. Então naquele momento comecei a descrever para cada lâmpada uma personalidade, e assim desenvolvi o segundo exemplo de como podemos nos imaginar diante da ideia de sermos um objeto ao qual nos identificamos não fisicamente, mas metaforicamente, através do olhar sensível ao objeto e a si mesma(o). Empreguei como exemplo seis luzes utilizadas em nossas oficinas.

1. Está apagada, às vezes ela acende, às vezes ela simplesmente não quer aparecer, não quer estar ali, não quer se fazer presente. Então, ela se mantém apagada, não tem nada que possamos fazer, pois, por mais que impulsionamos o interruptor para que ela volte a acender, ela decide se vai acender ou não.
2. A que estragou por dentro, e não acende mais, precisa de conserto. Ela por fora continua linda como todas as outras lâmpadas, mas a muito tempo ela parou de acender, todos percebemos que ela precisa de cuidados, reparos, precisa ser consertada, mas ainda não sabemos onde está o problema, pois ele é interno, é difícil visualizar. A ligação dos fios, os atravessamentos, identifica que não estamos preparados para o choque.

3. A que está sempre ligada no 220, não tem oficina que ela não compareça, está sempre ali, radiante, presente, brilhante, sem deixar nós na mão, convida para ficarmos acesas e atentas. Ela só apaga na hora do relaxamento e da reflexão, sendo este um bom momento para ela descansar.
4. A diferente de todas as outras lâmpadas, ela é colorida, tem 20 tipos de reações diferentes, ela é ótima na oficina de dança, que pisca sem parar, nas aulas de teatro que troca de cores como quem troca de personagens, quando quer agitar pisca constantemente contagiando todas(os) ao seu redor, na hora do relaxamento junto com uma música suave ela suaviza suas cores para que o ambiente fique mais aconchegante e acalentador, sem dúvidas ela é uma das ajudantes das oficinas.
5. Essa queimou recentemente, não sabemos exatamente como e nem quando, infelizmente elas não falam. Voltamos para a sala e ela já não acendia mais. Ficou nítida sua ausência. Hoje em dia temos uma luz a menos e ainda faz falta.
6. A que vem de vez em quando, em ocasiões mais especiais, sempre quando ela chega é porque vai ter algo diferente, teatro, dança, karaokê. Ela é muito festeira, sempre ajuda as oficinas a ficarem mais interessantes, mas demora para aparecer, atualmente nem sabemos por onde ela anda.

Em seguida, forneci pequenas folhas a eles, que fui arrancando do meu próprio caderno, sem nenhum cuidado com cortes retos ou folhas lisas, brancas ou coloridas. Apenas fui arrancando folhas e rasgando em alguns pedaços, forneci lápis e borrachas e pedi para que fizessem o exercício. Fomos para fora da sala para que pudessem pensar além dos objetos ali presentes. Ao final do dia, quando retorno do trabalho me sento na mesa de um bar, peço um litro de cerveja e um Xis Salada e me coloco a ler suas respostas. Fico emocionada ao conseguir identificá-los com os objetos com os quais se identificam. Consigo perceber suas personalidades, mas não só isso, consigo ler e saber como eles se sentem através de seus escritos, percebo o quanto querem ser vistos, e o quão, mesmo tão jovens, já carregam fardos pesados. Chega um momento que sinto a necessidade de acolher aqueles relatos, ou melhor, aqueles jovens narradores de suas próprias vivências. Então,

resolvi fazer isso em forma de Slam⁸. Peguei alguns objetos a qual eles se identificaram, tais como: brinquedo, extintor, janela, caneca, chinelo, parede; e através da identificação que eles tinham como referência destes objetos, junto ao meu olhar como educadora, e a vontade enorme de acolher aqueles que se dispuseram a encarar o exercício e sobretudo se abrir emocionalmente.

Precisava encontrar uma forma de me comunicar com eles, e foi neste momento que encontrei. E naquela mesa, com os seus papéis, eu escrevi este Slam:

*O termo **brinquedo** surge do verbo brincar, é universal, todos nós gostamos de se alegrar tanto adultos quanto crianças, brincar serve para nos divertir, mas também serve para nós se deitar de tanto rir.*

O carrinho nos ensina a dirigir um automóvel, as panelinhas nos ensinam a dirigir uma cozinha, as bonecas e bonecos nos ensinam a cuidar das crianças, o glória agradeço a tia da merenda, que brincando e brincando encheu essa nossa mesa.

O gol humano ensina o quanto o trabalho em equipe é importante para ajudar o meu colega que está em equívoco no tempo para que ele possa voltar a correr junto comigo.

O quebra cabeça ensina que por mais que estejamos bagunçados, espalhados, ainda assim não estamos baleados.

O dominó ensina que por mais que metade de mim seja 1 e a outra metade seja 6 eu ainda consigo alcançar, se o próximo me ajudar a continuar, pois a outra metade dele também é 1 ou 6, tem momentos que ele chega e eu vejo "a gente ta pelo bem".

O uno me ensina que se alguém me bloqueia eu ainda sim estarei com a próxima cartada, não para me vingar e sim para continuar a minha própria jogada.

As cordas me ensinam que a vida é um cabo de guerra, às vezes eu caio, mas não caio sozinho, continuo na guerra. Tem pessoas ao meu redor que me ajudaram a segurar as pontas até o fim. Nós não começamos a jogar hoje, e também não será hoje o nosso fim.

Não vamos parar de jogar. Estamos aqui para continuar, mas antes preciso falar,

⁸ NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242.

tem brincadeiras que não são de brincar. Eu odeio quando alguém me chama de gay, viado, boiola, machorra, macaco, existem brincadeiras que não são brincadeiras, elas tem outros nomes, homofobia, racismo e bullying é coisa feia.

Fico feliz quando tu diz que se sente como um brinquedo, porque gosta de alegrar as crianças, e mais feliz ainda quando percebo no teu chamego, que alegra as oficinas, os colegas, e principalmente o teu peito. Obrigada por pensar nas crianças, porque a tua brincadeira alegra as nossas mudanças.

*Eu sou um **extintor**, não apago só incêndios, ou fumaças, eu apago tristezas, mágoas, invejas, é tudo que eu faço. Eu apago muita coisa, às vezes apago até quem eu sou, sem perceber, eu nem sei pra onde vou. Sem perceber eu vou apagando o meu silêncio, a minha voz, o meu corpo, o meu sofrimento, a minha existência.*

Queria dizer, pra você meu extintor de tantas coisas, saiba, que eu te vejo, não te ouço tanto como gostaria, mas te percebo, percebo nessa agonia. Não precisa levantar a mão pra mim te conhecer, mas seria importante que levantasse pra ti te surpreender. Pois tu é gigante, e talvez daqui um tempo tu veja lá do mirante, o quão grande tu é e o quão feliz eu sou por te ter aqui, entenda, as vezes é importante explodir. E por mais que depois de você apagar todo o incêndio, e todo mundo ir embora para suas casas descansar, sem nem perceber o tamanho da sua importância, acredite, você fez a diferença, você esteve ali o tempo todo, mesmo sem plateia, sendo forte, sendo você mesma, sendo quem você aprendeu a ser, uma mina com muitas ideias, cumprido o seu papel, não somente como extintor mas também como acalanto da dor. Levante a mão quem é, não um extintor de tantas coisas, e nem quem você é, mas levante a mão de quem está aqui contigo agora! Obrigada por estar aqui e por favor não largue fora. Tenha a certeza que vocês não estão sozinhas a partir de agora.

*A **janela** já passou por chuvas de pedras, mas também já pode sentir o nascer do sol quentinho, mas se maltratar ela estraga devagarinho. Ela se fecha, mas também se abre, mas se mal cuidada ela fica trancada na dela, cheia de tramela. Você que se sente uma janela, parabéns você é linda e bela, que suporta desde a tempestade até o sol que invade, sendo o dia mais quente, a noite mais fria, o que de nós seria sem uma janela em meio a frente fria. Você que proporciona abertura para conversar ou simplesmente chorar, independente de quem chega ou vai saltar. A*

janela pode ter plantas para se sentir bem, pode ter cores para se sentir alguém, mais completa, pode ser de vidro que facilmente quebra, pode ser de madeira que com o tempo a gente conserta. Mas quero te lembrar de uma coisa, nenhuma janela é igual a todas as outras, algumas são redondas, outras são quadradas, algumas recebem flores, outras recebem pedradas, algumas então acabadas outras em reforma, algumas estão sendo construídas, outras já deu a hora. De mudar pois já estão no mesmo lugar há quase 50 anos, e eu aqui contando quantos são os meus donos. Pois ainda preciso de um lugar para ficar, morar, dormir e acordar, com uma criança que só quer brincar.

*Vocês já se perguntaram o quanto uma **caneca** faz falta? Nela a gente bebe água, suco, refri, cerveja, iogurte e uns kit ai. Toda vez que quebramos uma caneca é menos uma que temos junto de nós, no café da manhã, no lanche, no café da tarde ou na noite. Existem canecas que quebram o braço porque não suportam o peso do cansaço. Você que é caneca, quero que você lembre que de dois braços, um tu estende e outro tu te abraça. E você que te nutre e se alimenta por uma caneca, quero que você pense quem e quais são suas canecas onde você mora e onde você estuda, a caneca não vem de sangue e sim da estrutura. E lembre-se que se uma caneca você quebrou se ainda é possível consertar, conserte sem medo ou temor. O importante não é um jogo de canecas iguais, e sim canecas que vão estar com vocês nos momentos ideias, no café mais feliz e também nos mais tristes pois não é sozinho que como a caixa de Bis e nem com todos que divido esse beat.*

*Não posso esquecer do meu educando que se sente um **chinelo**, ele que tá sempre ali pra seguir em frente, mas sobretudo pra não nos deixar se machucar facilmente. O chinelo andou por diversos lugares, já conheceu muitas ruas, casas, escolas, lugares e bares. Já estive na chuva, no barro, no chão frio, no piso quente, debaixo da cama, da mesa, grudado no churrasco de domingo extremamente quente, não quero te ver perto de um pente, nem longe dos que estão contigo diariamente. O chinelo já estive perdido, estragado, até encontrar seu par ou conserto. Não sou feito o chinelo que coloca um prego e tá perfeito, não estou pronto pra seguir em frente, as vezes arrebento e preciso de um tempo. Às vezes ando com um par que é diferente, mas que quando chegou me deu força para seguir em frente. Não importa se a tira é de outra cor ou se tem a mesma força ou dor, o que importa é que ela faz*

outra parte de mim seguir o caminho certo e é pelo certo que eu vou até o fim. E mesmo que metade de mim arrebente eu sei que a outra metade ainda está firme e é por isso que eu sigo em frente.

*Você que é **parede** acredite na sua força, independente se você é de madeira, de concreto, de carne ou de osso. Você é forte! Se você está pintada ou não, se está rebocada ou não, você é forte! Do que seria de nós aqui sem essas paredes, do que seria das nossas noites bem dormidas sem as nossas paredes, do que seria dessa aula sem as nossas paredes. Parede traz conforto, segurança. É difícil tombar uma parede, e mais difícil ainda se sentir protegida sem ela. Mas você não precisa ser forte o tempo todo, às vezes a parede descasca, cai, desmonta, então você está certa de se pintar e se montar, você é a sua própria parede, nós aqui vamos estar a te cuidar. Para você não ser uma parede fora de alinhamento, ou uma parede torta, estamos lembrando que precisa de janelas e também de portas. Mas precisamos te lembrar que é você quem abre as portas. Então te faço um convite, não seja apenas ouvinte, abra as tuas portas, janelas, paredes e teus caminhos felizes e seguros sem muitos muros, pois a muralha é importante mas mais ainda é tu conseguir ver o que tem a diante.*

*Aqui vocês têm espaço para criar, chorar, desabafar, **brincar**, visualizar, e principalmente confiar, confiar em nós, em vocês mesmos. Confiar que independente da idade, é importante brincar, que por mais que vocês sejam **extintores** vocês estarão seguros aqui e bora brindar, na **caneca** pois na taça é outro patamar. Que as **janelas** servem para vocês respirarem mas também para perceberem que tá tudo bem desabarem. E não importa o **chinelo** que estamos usando ou sendo, o importante é a força e resistência que estamos aprendendo. Antes de terminar de recitar, preciso lembrar que podemos abrir portas mas são vocês que decidem se querem entrar, ou serem apenas **paredes**, daquelas que estão sempre no mesmo lugar. Lembrem-se vocês podem ser portas com paredes e janelas para poderem saírem ou voarem para o caminho que vocês quiserem, em busca dos seus sonhos independente dos que não vierem.*

Na aula seguinte, recitei o Slam que compus em relação aos seus escritos, alguns se impressionaram, outros se emocionaram e teve aqueles que ficaram impacientes, inertes, reflexivos. Foi um desabafo ao mesmo tempo que um acalanto, neste dia me senti escutada e penso que eles e elas também.

4.2 Pensar os conflitos através da importância da amizade para formação social



Leitura dramática da peça: A amizade é tudo. Arquivo pessoal (2022).

Durante nossas oficinas, ao mesmo tempo que desenvolvemos produções, eleições de líderes, gincanas, músicas, coreografias, Flash Mob, também criamos peças teatrais para apresentar na 1ª Mostra de Teatro da instituição.

Penso que o intuito da peça teatral deveria ser o de mobilizar política e socialmente, ou seja, uma criação cênica precisa potencializar uma reflexão social, não basta beleza estética, ou, um belo financiamento. É também um espaço de construção social e individual, onde aqueles que as criam passam por um entendimento de seus posicionamentos, suas escolhas, vivências, problematizações e vulnerabilidades, e aqueles que assistem ao deparar-se com a trama também estão desenvolvendo seu pensamento crítico em relação a realidade e/ou ficção apresentada.

Durante a oficina com crianças de 6 a 10 anos, surge a ideia de criar uma cena teatral cujo tema foi “festa de aniversário”. No decorrer das atividades, percebi os conflitos que havia entre as(os) educandas(os). Então, além de intervenção e reconciliação dos conflitos, ficou evidente que precisaríamos aprofundar o trabalho social em relação às brigas e discussões. Neste sentido, devido às ofensas e desavenças corriqueiras, passamos a desenvolver os conflitos dentro da peça teatral

sob a perspectiva de lembrar aspectos importantes e fundamentais de comunicação, para que o respeito como base da amizade e das relações humanas em geral, não seja violado ou facilmente rompido. Percebo que o desentendimento e enfrentamento daqueles indivíduos, mesmo que tão jovens, acarretam em uma vulnerabilidade que culmina na violência, tanto verbal quanto física, entre estes sujeitos. Talvez advindas de suas experiências em casa ou na rua, ou mesmo dentro das escolas, salas de aula, com outros seres em formação e desenvolvimento intelectual, físico e emocional. Tendo em vista estes acontecimentos durante as oficinas ou outros momentos de convivência, torno a “festa de aniversário” um momento para falar sobre brigas que, entre as personagens, ocorrem.

Mas como falar de amizade através da arte, de modo que não seja engessado, mas divertido, que trabalhe o sentimento ao mesmo tempo que a reflexão, de forma sensível, sem a necessidade de chamar atenção pelo fato de ter ocorrido algum atrito?

Houve um momento em que orientei as(os) educandas(os) a deitarem nos colchonetes cada um(a) com uma almofada, de modo que ficassem confortáveis no espaço. Apaguei as luzes brancas, deixei a luz azul, a claridade entre as cortinas também azuis, iluminando nosso espaço de maneira aconchegante e segura. Liguei o som e coloquei a música *A amizade é tudo*, do grupo Jeito Moleque na voz do cantor, compositor e apresentador Thiago André Barbosa, mais conhecido como Thiaguinho. Pedi para que ouvissem com atenção a mensagem que a música nos transmitia, poderiam fechar os olhos e refletir. Alguns choraram, lembraram de seus parentes já falecidos, outros mantiveram-se em silêncio e introspectivos.

Após escutarmos a música algumas repetidas vezes, dou início a segunda parte do exercício, realizando uma leitura performatizada da letra da música. Oscilei entre as intensidades vocais em cada parágrafo da canção, que neste momento passa a ser poesia, sem o acompanhamento de qualquer instrumento musical, apenas com o registro da voz. Ressalto a importância da valorização da amizade e daqueles que estão ao nosso lado diariamente. Identifico que a amizade é “*um sentimento natural que acontece com razão*” lembro a eles que “*a caminhada é igual seguindo a mesma direção*” que “*pensando juntos nós vamos além*”. Sendo assim, é importante reconhecer com estas crianças que as lágrimas estão presentes na vitória, mas também na derrota ou glória, e mesmo que se faça “*luz na escuridão, somos um só coração*”. Estamos sempre vivos na memória, faz parte da nossa

história, e, por isso nada vai nos separar, pois nossa memória é viva independente daqueles que já se foram. Mas é importante cuidar das amizades que aqui estão, pois *“A amizade é tudo! É se dar sem esperar, nada em troca dessa união, é ter alguém pra contar na indecisão, nunca se desesperar, sempre ali pra estender a mão, maior valor não há, é feito irmão”*.

Sensibilizar as(os) estudantes por intermédio desta música, que aproxima-se da realidade da juventude, nos possibilitou falar sobre perdas, solidão, saudade e outros sentimentos. Houve momentos que ela foi um afago, um abraço, outros que ela foi uma explosão de emoção e comemoração. Era extremamente divertido colocar essa música bem alto e começarmos a dançar e comemorar que o ensaio tinha chegado ao fim. Pois o teatro tem dessas, devido a necessidade de repetir por diversas vezes as mesmas cenas, a fim de memorizar e aprimorar, em alguns momentos não víamos a hora de terminar o ensaio pois já estávamos cansadas(os).

A trilha sonora desta peça contou com a música Umbrella de Rihanna que inicia o espetáculo. Nesta cena, um grupo de jovens arrumam-se para ir à escola, chegando lá, encontram-se e são convidados para uma “festa de aniversário”. Lembrando que esse era o tema inicial do exercício cênico em uma das aulas. Ao entregar os convites, a aniversariante deixa de convidar apenas uma pessoa para sua festa, em virtude de estarem brigadas a algum tempo, devido a um desentendimento acarretado de ofensas direcionadas aos familiares das envolvidas. Por consequência, deixam de ser amigas e também afastam as amizades em comum.

Porém, a jovem que não foi convidada para a festa, resolve ir, mesmo que sem convite. O que ela não contava é que haveria seguranças, que permitiriam somente a entrada cujo nome estivesse na lista. A música “Bem nessa” dos cantores e compositores: Da Guedes, Baze, Gibbs, Negrox e Dj Deeley, marca a chegada destes personagens tanto seguranças quanto convidadas(os).

Ludmilla abre as portas para a aniversariante entrar através da música “Cheguei”. Momento entusiasmado que inicia o baile e posteriormente é interrompido devido a tentativa de ingresso da jovem na festa. Tem sua entrada barrada pelos seguranças, por não ter sido convidada pela aniversariante. Neste momento inicia uma “chuva de climão” onde todas (os) convidadas (os) percebem o conflito acontecer devido a impossibilidade da jovem menina participar da festa.

É neste momento que introduzimos o debate, as(os) convidadas(os), bem como o público, ficam sabendo a razão do conflito. Motivo este, que devido a uma discussão acarretada de ofensas trouxe a ruptura desta amizade, bem como as mágoas diante das falácias de ambas. A seguir, partilho o diálogo parcial desenvolvido em cena com os seguintes códigos para não identificar os nomes das(os) educandas(os): **a**: aniversariante, **b**: envolvida na briga, **c**: convidadas(os).

a: *você não foi convidada para a festa!*

b: *mesmo que tu não me convidou eu vim.*

a: *mas o nome de você não está na lista!*

b: *esqueceu de colocar querida?*

a: *não fiz questão de convidar você. Seguranças!*

c: *briga, briga, briga!!*

As personagens iniciam uma briga física até que uma das amigas intervém, separa a briga e diz:

c1: *parem de briga!*

c2: *briga não leva a nada.*

c3: *parem de falar mal uma das outras.*

c4: *parem de falar mal do pai das colegas.*

c5: *parem de falar mal da mãe das colegas.*

c6: *vocês não estão vendo que ninguém está bem.*

E nesse momento, o motivo das duas romperem a amizade vem à tona.

c7: *foi por causa disso que vocês pararam de ser amigas.*

c8: *aquele dia vocês pegaram pesado falando aquelas coisas.*

a: *mas foi ela que falou mal da minha mãe.*

b: *e tu falou mal do meu pai.*

Chega um momento em que há um entendimento diante do ocorrido, bem como um amadurecimento das personagens em relação a atitude delas.

a: *eu não queria ter dito aquilo.*

b: *eu também não queria ter dito aquilo.*

Junto a isto, há um entendimento das amigas e amigos que estiveram presentes na festa, bem como no dia do ocorrido. Até que as pessoas convidadas interrompem afirmando:

c9: *vocês precisam pedir desculpas.*

c10: e não falar mal da mãe ou do pai de ninguém.

c11: eu quero ser amiga das duas e não só de uma.

c12: voltem a ser amigas.

E finalmente elas reconhecem seus erros, se desculpam e firmam um combinado.

a: tu promete que não vai falar mal da minha família?

b: prometo, e tu promete que não vai falar mal da minha família?

a: prometo!

Até que todas as convidadas e convidados torcem que elas voltem a ser:

c: amigas, amigas, amigas!

A cena teatral, embora curta e direta, desenvolve um ensaio em relação às brigas entre estes jovens de 6 a 10 anos, através da ação destes atores e atrizes sociais, que interrompem a briga, improvisam suas falas, e desenvolvem uma solução durante os ensaios. Mesmo que no primeiro momento torcem pelo confronto. Algo que acontece frequentemente envolvendo a comunidade escolar. Entusiasmam-se quando percebem que haverá uma briga tanto verbal quanto física e colocam-se como plateia. É na cena teatral que tornam-se agentes de transformação, sendo assim, intervêm no momento de violência, na resolução dos conflitos, bem como no entendimento das discussões e reconciliações das amizades.

Cotidianamente educadoras e educadores mediam conflitos e intrigas em decorrência dos preconceitos, muitas vezes, banalizados fora do espaço educacional. E por consequência, este espaço, torna-se o lugar onde questões familiares, raciais, religiosas, de gênero e sexualidade tem minimamente abertura ao diálogo e questionamentos. Um espaço não atribuído de razões, certezas e verdades incontestáveis, mas um espaço também de dúvidas e incertezas, onde as questões são trabalhadas e pautadas em direitos políticos sociais, mas sobretudo diante da formação e informação destes indivíduos, pois a ignorância e preconceito, em algumas situações é calcada na desinformação, daquilo que é desconhecido ou inquestionável.

Após a apresentação da peça, que instigada pela música, intitula-se “*A Amizade é Tudo*”, passei a recorrer às falas das personagens em momentos que ocorreram brigas referentes a educandas(os) envolvendo familiares. Pois, criaram uma peça que relembra a importância da amizade, de ter pessoas ao nosso lado as

quais podemos contar e conjuntamente cuidar, proteger e amar. Construída coletivamente frente ao entendimento de brigas e discriminações. Conversamos sobre o quão a amizade pode também ser fragilizada, e por um descuido, podemos perder uma grande amizade em nossa vida, que talvez pudesse ser de anos. Não está correto difamar familiares de seus desafetos, colocando o dedo na ferida uns dos outros, difamar mãe ou pai de colegas que estão em situação de cárcere, ou em situação de rua.

Após o exercício percebo que foi possível trabalhar a importância da amizade, através da musicalidade e da arte do teatro, mas, também por intermédio de um processo que foi principalmente educacional, assentado no projeto de Educação Integral, que potencializa a estrutura do ensino público brasileiro. Afinal, é o processo de educação que possibilita o pensar e o agir crítico em sociedade. Desejamos enquanto educadores e educadoras sociais que as(os) educandas(os) tenham como horizonte uma sociedade capaz de valorizar a pessoa, as relações de gênero, o trabalho e a solidariedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de escrita do presente trabalho inicia a partir da necessidade de reflexão sobre como a prática teatral pode ser mobilizadora, daqueles e daquelas que nomeio como atores e atrizes sociais, tendo em mente que somos seres singulares e através das nossas singularidades compartilhamos nossas ideias e habilidades.

Compreendo o teatro como um espaço de possibilidades o qual crianças e jovens desenvolvem seus papéis sociais através do empoderamento, autocuidado e reflexão, calcado na investigação do seu ser, tanto individual, quanto em coletivo. Percebo nestes atores e atrizes sociais suas habilidades e vulnerabilidades que culminam em um emaranhado de incertezas oriundas de suas vivências. Não é à toa que por diversos momentos nós educadores e educadoras estamos diariamente sendo questionadas sobre as ações que abordamos em nossos planos pedagógicos no momento de sua prática. Tais questionamentos são norteadores para uma relação de aprendizado coletivo, onde educandos e educandas contribuem para a formação de sua comunidade. Me dou conta da concretude da afirmação acima na relação e proposição que o teatro proporcionou a comunidade escolar.

O espaço que possibilita aulas e/ou oficinas de teatro, vai muito além de fortalecer habilidades corporais e vocais, ou mesmo do uso de uma grande estrutura física com diversos equipamentos, figurinos e cenários. É também uma ferramenta que investiga as relações afetivas, através das práticas que possibilitam um olhar e uma escuta mais sensível. Por intermédio das proposições, desenvolve-se o emocional desses jovens, para tornarem-se seres mais abertos ao sentir e respeitar os seus sentires. Sensibilizar as práticas e também os praticantes é um desafio na arte e educação que promovo e acredito.

É preciso estar aberta(o) a questionamentos, atentas(os) a conversas, pois quando estes seres em formação se permitem libertar-se ao diálogo, sendo ele sensível, compartilhando suas fragilidades e sonhos, encontram neste espaço uma escuta coletiva, um sentir que vai além da comunicação verbal. O silêncio, o refúgio e a lágrima também são formas de evidenciar nossa trajetória. Percebem que não são os únicos com problemas familiares ou ausências afetivas. Torna-se nítido que compartilhando nossas vivências, desenvolvemos uma relação mais sincera e acolhedora com aqueles e aquelas que perpassam pela oficina. Não chamo este

espaço como um lugar de desabafo, pois não é desta forma que ocorre, mas identifico como um espaço de compartilhamento e empoderamento da nossa identidade, não aquela do registro geral, mas sim na natureza do nosso ser. Neste momento, acredito que estamos fomentando um espaço possível para expressar dúvidas, medos e desejos.

O teatro não impede que as brigas durante as oficinas possam ocorrer, mas torna-se fonte de debate, que por sua vez, transforma as relações das(os) participantes por intermédio de exercícios, e também, da exigência de estar em coletivo. Temos um espaço mobilizador aberto a questionamentos e aprendizados que proporciona desenvolver tanto o intelectual quanto o físico e emocional, uma prática viva, intensa e difusora de arte, cultura e educação.

Para que o teatro seja instrumento de transformação social é necessário que esteja engajado com a educação, bem como as outras artes, formando um conjunto de possibilidades e alianças entre a arte, educação e sociedade. Considero que o trabalho é sobretudo uma defesa da importância do teatro nas instituições públicas de ensino, principalmente em zonas periféricas, onde o acesso a comida e cultura segue sendo negligenciado. Concluo que por pensar essa experiência teatral que pode perpassar vários corpos, para além daqueles que se pretendem artistas, o teatro pode formar autores e autoras das suas próprias histórias, que por sua vez podem trilhar caminhos diversos, para a construção do seu ser sujeito, dos coletivos nos quais estão inseridos, e dos seus próprios sonhos.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Celina Nunes de. **Formação teatral como criação: narrativas sobre modos de ficcionar a si mesmo**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre 2013.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. 2. ed. - São Paulo: Autores Associados, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

MARQUES, Mayara Teixeira Furtado. **Qual o meu futuro no teatro?**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Teatro) – Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Linha D'Água, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN: 2236-4242. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. São Paulo: Ágora, 2006.

VIVOS, Poetas. **Nós: versos de liberdade e melanina**. Porto Alegre: Escola de Poesia, 2021.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1989.

SCHNEIDER, Marcelo. **O protagonismos teatral de crianças e pré-adolescentes**. 2010. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia a distância) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, São Leopoldo 2010.